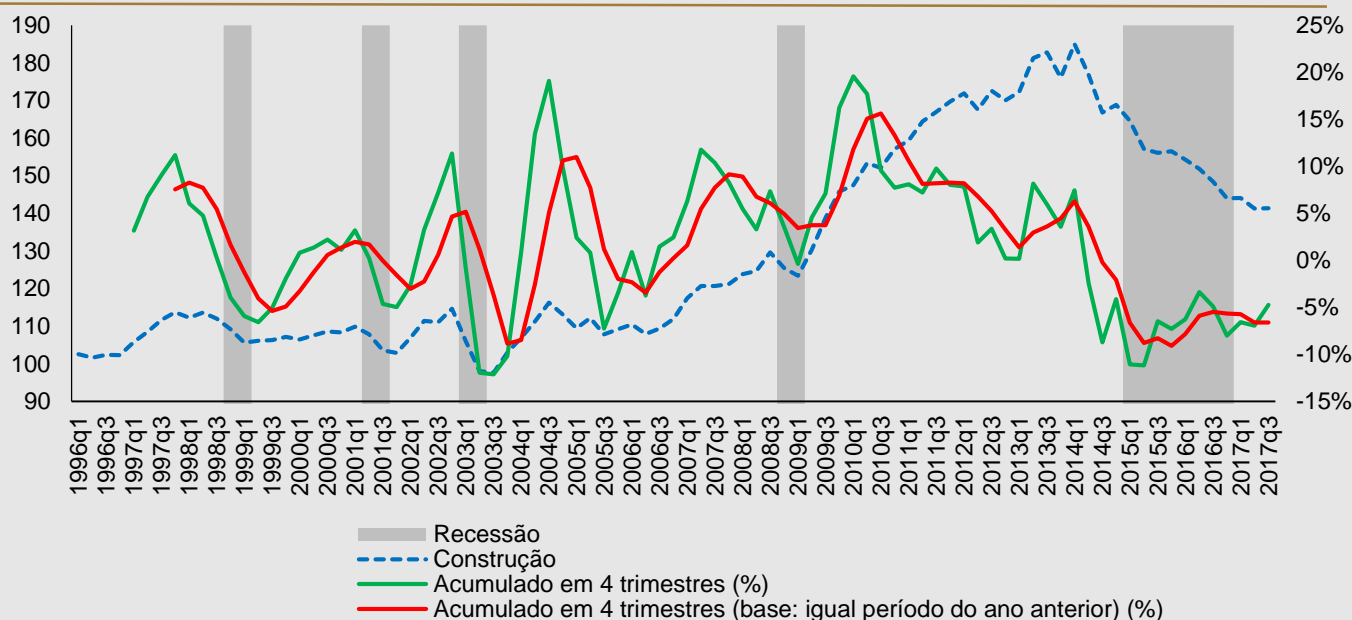


Construção civil e a dificuldade de sair do atoleiro



Enquanto a economia começa a ganhar tração em um processo de retomada gradual, já observando uma distribuição setorial do crescimento, o mesmo não vem acontecendo com a construção civil, que, ao depender do investimento de outros setores da economia, vai vendo seu nível de atividade fechar negativo pelo quarto ano consecutivo.

Considerando os dados mais recentes das contas nacionais trimestrais, verifica-se que o PIB foi marcado pela terceira alta consecutiva na comparação com os três meses anteriores. Na métrica interanual, o produto vem fechando positivo há 2 trimestres. O PIB dos três primeiros trimestres de 2017 gerou um efeito *carry over* de 0,97% para o restante do ano, o que significa dizer que se a economia permanecer estável no quarto trimestre, o PIB de 2017 avançará quase 1%. A indústria de transformação, que inclusive teve sua maior queda em 2015 desde o início da série histórica iniciada em 1995, fechou positivo, no último trimestre, na comparação interanual, com um efeito *carry over* de 0,98%. Por outro lado, esse mesmo efeito *carry over*, quando observado na construção civil, é da ordem de -5,07%, o que nos mostra a dificuldade pela qual esse setor vem passando, acumulando uma queda de 14 trimestres consecutivos na métrica interanual. O índice da construção dessazonalizado (tracejado azul no gráfico) do 3º trimestre de 2017 é menor do que o do 4º trimestre de 2010, ou seja, de 31 trimestres atrás.

Entre janeiro de 2015 e dezembro de 2017, segundo dados do CAGED, a construção civil teve perda de 882,5 mil empregos celetistas no Brasil, em meio aos 2,88 milhões de empregos perdidos no país. Em 2017, enquanto o Brasil registrou uma leve queda de 20,8 mil empregos celetistas, a construção civil registrou um saldo negativo de 104 mil.

Apesar da defasagem desse setor aos recentes estímulos da atividade econômica, a expansão da construção civil é expressa como tendência para 2018, frente à atual dificuldade de registrar taxas positivas. Em um cenário de ajuste fiscal, onde as despesas de investimento do setor público são as mais impactadas, uma provável recuperação virá sobretudo de obras privadas. Para tanto, o setor da construção civil condiciona tal resultado à aprovação da medida provisória sobre regras de distrato no setor imobiliário, à expansão das obras de concessão (especialmente leilões de rodovias e aeroportos) e à capacidade da Caixa Econômica Federal em conceder crédito imobiliário, uma vez que esta responde por 70% do financiamento imobiliário brasileiro, mas vem passando por problemas de capitalização. Considerando uma excelente taxa de crescimento de 2% por trimestre, a construção precisaria de 14 trimestres para alcançar o seu maior nível da série (2014q1). Para essa mesma e improvável taxa, o PIB precisaria de pouco mais de 3 trimestres para alcançar o seu mais alto valor da série (também em 2014q1).

Assim, podemos visualizar que, enquanto o Brasil vem ganhando tração em um processo de recuperação da atividade econômica, a construção civil, em meio à defasagem da recuperação brasileira, aguarda ser contemplada – em um contexto de incertezas do cenário político-eleitoral – por pautas que adentram o âmbito político para que possa ser guinchada do atoleiro.